

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

NOVEMBRO DE 1867

Nº 11

## Impressões de um Médium Inconsciente a Propósito do *Romance do Futuro*

(Pelo Sr. Eug. Bonnemère)

O Sr. Bonnemère houve por bem nos transmitir, sobre o jovem bretão tratado no prefácio do interessante livro que publicou, sob o título de *Romance do Futuro*, detalhes circunstanciados que complementam os que demos a respeito na Revista de julho de 1867. Estas novas informações são do mais alto interesse e os nossos leitores serão gratos ao autor, como nós também, por as haver posto à nossa disposição. Faremos segui-las de algumas observações.

Senhor,

Um amigo me envia, com muito atraso, o número da *Revista Espírita* em que comentais o *Romance do Futuro*, que assinei com o meu nome. Permitti que vos dê alguns esclarecimentos a respeito de uma passagem deste artigo, na qual se acha esta

reflexão: “Disseram-nos que o autor, quando escreveu este livro, não conhecia o Espiritismo; isto parece difícil, etc.”

Entretanto, isto é rigorosamente exato. Confesso com toda sinceridade e humildade, senhor, que errei por não vos ter oferecido este volume; jamais fui à vossa casa; nem mesmo conhecia o título da *Revista Espírita* e minha biblioteca não possui nenhuma obra sobre as questões que aí são tratadas; eis por que chamei o meu jovem bretão um extático natural, quando para vós ele é um médium.

Contei no prefácio do *Romance do Futuro* que, em consequência daquela estranha aventura, eu, que fui um historiador na maturidade de minha vida, ia tornar-me um romancista, depois de haver ultrapassado os cinqüenta anos. Os leitores aí não viram senão um desses procedimentos familiares aos autores, para dar algo de picante ao seu relato. Atesto sob palavra que, à exceção de um detalhe, que nada tem a ver com o caso, e que não me é ainda permitido revelar, tudo o que avanço neste prefácio é verdadeiro e, longe de exagerar, não digo tudo.

Meu jovem bretão explica em vinte passagens de seus volumosos manuscritos (perto de 18.000 páginas) as causas e os efeitos desta espécie de condenação aos trabalhos forçados que sofreu, maldizendo-a.

“Todas as noites – escreveu ele em 24 de agosto de 1864 – deito-me muito fatigado, após um dia de trabalho; adormeço; uma hora depois desperto; estou triste, parece que um crepe negro me envolve; estou sem palavra, mas não sofro. Algo de vago está em meu cérebro; é sob essa impressão que por vezes meus olhos se fecham, com lágrimas no coração. Depois, pela manhã, desperto com um mutismo persistente, isto é, com intoleráveis sofrimentos no lado esquerdo e no coração, que não me permitiam conciliar o sono. Experimento um estado de angústia intolerável, que me força a levantar-me. Sufoco; é preciso

que me desafogue. Então vou à minha mesa e lá sou constrangido a trabalhar.

Quanto mais soffro, mais e melhor trabalho. Então minha imaginação explode. Quando uma obra está composta, e apenas precisa ser passada para o papel, invento outra, sem jamais a buscar, enquanto escrevo mecanicamente aquela que chegou à maturidade.

*“Quando devo servir de instrumento a algum dos amigos desaparecidos, seu nome ressoa ao meu ouvido. Quando escrevo, esse nome não me deixa e experimento, mesmo em meio aos meus sofrimentos físicos, por vezes agudos, sobretudo no coração, uma espécie de doçura em escrever o que ele põe em mim. É como uma inspiração, mas muito involuntária. Todas as fibras de meu ser moral são postas em alerta. Então sinto mais vivamente; parece que vibro; todos os ruídos são mais fortes, mais perceptíveis; vivo de vibrações intelectuais e morais ao mesmo tempo.*

*“Quando estou neste estado de mutismo, sinto-me como que envolto numa rede, que estabelece uma separação entre o meu ser intelectual e a massa dos objetos materiais ou das pessoas que me cercam. É um isolamento absoluto em meio à multidão; minha palavra e meu espírito estão alhures. O ser inspirador que vem em mim não me deixa mais; é uma espécie de penetração íntima dele em mim; sou como uma esponja embebida de seu pensamento. Pressiono-a e dela sai a quintessência de sua inteligência, isenta de todas as mesquinhas de nossa vida na Terra.*

*“Por vezes, mesmo sem mutismo, quer esteja só, quer com outros, pouco importa, converso, rio, percebo tudo na conversação dos outros e, no entanto, trabalho; as idéias se acumulam, mas fugidias; estou e não estou mais; volto a mim e não tenho mais lembrança de nada; mas o estado de mutismo faz reviver as imagens apagadas.*

“Se for um romance que devo escrever, primeiro me vem o título, depois vêm os acontecimentos; às vezes é questão de um ou dois dias para o compor inteiramente. Se se trata de coisa mais séria, o título também me é ditado, depois os pensamentos superabundam, até mesmo quando pareço muito distraído. A elaboração se faz no tempo certo, até o instante em que atinge o clímax e transborda sobre o papel.

“Muitas vezes me aconteceu, depois de terminado um longo romance, e quando não tinha nada pronto para despejar em meus cadernos, experimentar essa estranha sensação, como se em meu cérebro houvesse um vazio. Então sofro muito mais; é um estado de completa atonia, até o momento em que minha cabeça se enche de outra coisa.

“Geralmente, desde a noite mesmo, ou de manhã na cama, acerto um plano novo. Contudo, por vezes me levanto sem pensar em nada do que vou fazer e sem nada ter elaborado de antemão. Acesa a vela, ponho-me diante do papel. Então escuto do lado esquerdo, no ouvido esquerdo, um nome, uma palavra, um enredo de romance em duas ou três palavras. Isto é suficiente. As palavras se sucedem sem interrupção; os acontecimentos vêm alinhar-se por si mesmos sob a pena, sem um instante de interrupção, até que a história fique terminada. Quando as coisas se passam assim, é que se trata apenas de uma novela muito curta, que será concluída numa sessão.

“Há ainda em meu estado uma particularidade muito singular: é quando me inquieto pela saúde de alguém a quem amo. Verdadeiramente isto se torna uma moléstia atroz para mim, e creio que sofro mais que o próprio doente. Durante alguns instantes sou tomado na cabeça, no estômago, no coração e nas entranhas por uma pressão cheia de angústias, que vai até à dor extrema. Há um momento em que só a cabeça sofre. Então um ou vários nomes de remédios vêm a mim. Não quero falar, porque duvido e receio

fazer mal, quando tanto queria aliviar! Mas estas palavras voltam sem cessar; estou vencido, cedo e as digo com esforço, ou as escrevo. Então está acabado, não penso mais nisto e tudo está apagado.”

Não sei se me engano, mas me parece encontrar aí todos os caracteres da *possessão* de outrora, e creio mesmo que no passado queimaram muitos possessos que não eram mais feiticeiros do que o meu jovem extático. Evidentemente ele vive uma dupla vida, mas nenhuma delas tem relação com a outra. Vi-o muitas vezes, quando uma das pessoas que a ele se confiava vinha lhe dizer que sofria; o olhar fixo, as pálpebras afastadas, a pupila dilatada, parecia escutar, procurar. – “Sim, sim!” murmurava ele como se repetisse a si mesmo o que lhe dizia uma voz interior. Então indicava o remédio necessário, conversava um momento sobre a natureza e a causa do mal, depois, pouco a pouco, tudo se dissipava e ele não tinha consciência nem do instante em que começou o êxtase, nem do momento em que havia cessado. Esse rápido momento de ausência não existia para ele e evitava-se falar do assunto.

“Quero e devo viver na sombra, escreveu ele alhures. Dizem-me: *O bem que se faz sem interesse, emanando de uma fonte natural, mas um pouco extraordinária*, parece culposo, ridículo, pelo menos indiscreto. É preciso não se expor à zombaria, ao desprezo, às vezes, por causa de uma boa ação. Conforme o velho provérbio: ‘Quem diz a verdade não merece castigo’, pode dizer-se que uma boa ação oculta não merece castigo. Assim, deve-se fazer o bem aos outros sem que o suspeitem. É a verdadeira caridade, que dá sem esperar retribuição.”

Tudo isto não se realiza sem lutas. Por vezes ele se revolta contra esta obsessão tirânica. Vi-o resistir, debater-se com cólera; depois, domado por uma vontade superior à sua, pôs-se ao trabalho.

Tinha anunciado um grande e extenso trabalho sobre a liberdade. Declarava-se incapaz de o fazer, e protestava que não o faria. Uma manhã escreveu:

“Não; quero lutar ainda hoje. Sinto que a forma ainda não veio bastante clara... Quando, pois, me deixareis em repouso?... Estou quebrado!... Ah! chamais a isto uma liberdade de pensamento, que infundis em mim! Mas é a escravidão aos vossos pensamentos que se devia dizer! Pretendeis que eu tenha o seu gérmen, e que é prestar-me um imenso serviço desenvolvê-la, juntando a ela o que aí podeis colocar!

“Começarei por esta questão já tratada: O que é a vida?”

Uma espécie de anúncio de programa a cumprir assim se continuava por dez páginas de sua escrita, e tinha sido escrito em quarenta minutos.

Todas essas coisas, que me pareceram muito estranhas, talvez o sejam menos para vós, senhor. Em suma, tenho fé em seu poder misterioso, porque me curou de mais de uma afecção, que talvez tivesse embaraçado a Faculdade. Jamais alguém está doente junto a ele sem que escreva a sua receitazinha. Muitas vezes o faz mau grado seu, sentindo bem que não levariam em conta as suas prescrições. Um dia terminava por estas linhas uma consulta a propósito de uma pessoa doente do peito que, em sua opinião, era mal cuidada, e que julgava ainda poder salvar:

“Eis o que posso dizer. Façam o que julgarem conveniente; são minhas observações, eis tudo. Não terei que me censurar por as ter deixado dormir em mim. Nada deve ser feito sem o conselho do médico. Com naturezas como são todos, isto só pode servir como indicação. Que jamais me falem disto; que não me agradeçam. *Não sou um homem, mas uma alma que desperta ao clamor do sofrimento, e que não se lembra mais desde que chegou o alívio.*”

Quando não tinha doentes à mão, prescrevia remédios gerais para as afecções que a ciência oficial ainda não sabia curar. Que valem essas prescrições? Ignoro-o. Todavia, o que vi, o que pude experimentar, me leva a crer que talvez pudessem pôr no caminho de novos processos curativos.

Se um indivíduo que jamais abriu um livro de Medicina prescreve, sem ter consciência disso, remédios que podem curar, em muitos casos, a maioria dos males hoje declarados incuráveis, parece-me incontestável que tais coisas lhe são reveladas por uma força desconhecida e misteriosa. Em presença de semelhante fato, a questão me parece resolvida. Deve-se aceitar como demonstrado que existem sensitivos aos quais é concedido servir de intermediários aos amigos desaparecidos que, não mais tendo órgãos ao serviço de sua vontade, vêm utilizar a voz ou a mão desses seres privilegiados, quando querem curar o nosso corpo, ou fortalecer a nossa alma, esclarecendo-a sobre coisas que lhes é permitido nos dar a conhecer.

Pode arriscar-se uma experiência *in anima vili* sobre os bichos-da-seda, por exemplo, que quase não servem mais senão para serem atirados aos vermes dos túmulos, tanto eles estão doentes. A questão é grave, porque é por centenas de milhões de francos que se devem contar as perdas que anualmente nos faz sofrer a doença que os colhe. O resultado a obter vale a pena que se tente esta primeira experiência que, em todo o caso, se não der resultado, não poderia agravar a situação.

Aqui pode haver um mistério, mas afirmo que não há mistificação. Se sou mistificado, sempre me restarão os cento e tantos romances e novelas desse romancista sem o saber, cuja publicação vai ocupar agradavelmente os lazeres dos últimos anos de minha existência, e dos quais deixarei a maior parte para os outros depois de mim.

Neste inverno darei outro romance de meu jovem extático bretão. No prefácio transcreverei textualmente tudo quanto ele escreveu sobre a cura dos bichos-da-seda; e acrescentarei mesmo, caso queiram, suas prescrições para prevenir e curar a cólera e as doenças do peito.

Pouco importa que riam de mim durante alguns dias; mas importa muito que esses segredos, que o acaso me fez depositário, não morram comigo, se contiverem algo de sério, e que se saiba que existem relações possíveis entre as inteligências superiores do outro lado da vida e as inteligências dóceis do lado de cá. Creio que seria muito importante para nós travar relações cada vez mais seguidas com esses mortos de boa vontade que parecem dispostos a nos prestar semelhantes serviços.

Accitai, etc.

*E. Bonnemère*

O quadro das impressões desse rapaz, traçado por ele próprio, é tanto mais notável quanto, tendo sido escrito na ausência de qualquer conhecimento espírita, não pode ser o reflexo de idéias colhidas num estudo qualquer, que tivesse exaltado a sua imaginação. É a impressão espontânea de suas sensações, de onde ressaltam, com a maior evidência, todos os caracteres de uma mediunidade inconsciente; a intervenção de inteligências ocultas aí é expressa sem ambigüidade; a resistência que ele opõe, a contrariedade mesmo que sente, provam à saciedade que age sob o império de uma vontade que não é a sua. Esse jovem é, pois, um médium em toda a acepção da palavra, e dotado, além disso, de múltiplas faculdades, pois, ao mesmo tempo, é médium escrevente, falante, vidente, audiente, mecânico, intuitivo, inspirado, impressionável, sonâmbulo, médico, literato, filósofo, moralista, etc. Mas nos fenômenos descritos, não há nenhum dos caracteres do *êxtase*. Logo, é impropriamente que o Sr. Bonnemère o qualifica

de extático, pois é precisamente uma das faculdades que lhe faltam. O êxtase é um estado particular bem definido, que não se apresentou no caso de que se trata. Também não parece dotado da mediunidade de efeitos físicos, nem da mediunidade curadora.

Há médiuns naturais, como há sonâmbulos naturais, que agem espontaneamente e inconscientemente; em outros, os fenômenos mediúnicos são provocados pela vontade, a faculdade é desenvolvida pelo exercício, como em certos indivíduos o sonambulismo é provocado e desenvolvido pela ação magnética.

Há, pois, os *médiuns inconscientes* e os *médiuns conscientes*. A primeira categoria, à qual pertence o jovem bretão, é a mais numerosa; é quase geral e, sem exagerar, pode dizer-se que em cem indivíduos noventa são dotados dessa aptidão em graus mais ou menos ostensivos. Se cada um se estudasse, encontraria nesse gênero de mediunidade, que reveste as mais diversas aparências, a razão de uma porção de efeitos que não se explicam por nenhuma das leis *conhecidas* da matéria.

Esses efeitos, sejam materiais ou não, aparentes ou ocultos, não são menos naturais por terem essa origem. O Espiritismo nada admite de sobrenatural nem de maravilhoso; segundo ele tudo entra na ordem das leis da Natureza. Quando a causa de um efeito é desconhecida, deve-se buscá-la na realização dessas leis, e não em sua perturbação, provocada pelo ato de uma vontade qualquer, o que seria o verdadeiro milagre. Um homem investido do dom de milagres teria o poder de suspender o curso das leis que Deus estabeleceu, o que não é admissível. Mas sendo o elemento espiritual uma das forças ativas da Natureza, provoca fenômenos especiais, que não parecem sobrenaturais senão porque se obstinam em buscar sua causa somente nas leis da matéria. Eis por que os espíritas não fazem milagres, e jamais tiveram a pretensão de os fazer. A qualificação de taumaturgos, que lhes dá a crítica por ironia, prova que fala de uma coisa cuja primeira palavra

desconhece, já que chama de *fazedores de milagres* aqueles mesmos que os vêm destruir.

Um outro fato ressalta das explicações dadas na carta acima: o *Romance do Futuro* é mesmo uma obra mediúnica do jovem bretão, e não se pode senão ser grato ao Sr. Bonnemère por ter declinado a sua paternidade. Pensamentos tão elevados e tão profundos nada tinham que pudessem nos surpreender de sua parte; por isso não hesitamos em os atribuir a ele, e só tínhamos mais estima por seu caráter e por seu talento de escritor, que nos era conhecido; mas eles tomam um interesse particular, considerando-se a fonte de onde promanam. Por mais estranha que pareça essa fonte à primeira vista, nada tem de surpreendente para quem quer que conheça o Espiritismo. Fatos desse gênero se vêem freqüentemente, e não há um só espírita, por pouco esclarecido que seja, que dele não se dê conta perfeitamente, sem recorrer aos milagres.

Assim, atribuindo a obra ao Sr. Bonnemère e aí encontrando fatos e pensamentos que parecem tomados à própria doutrina, parecia-nos difícil que o autor a ignorasse. Desde que afirma o contrário, acreditamo-lo sem esforço e encontramos em sua própria ignorância a confirmação deste fato muitas vezes repetido em nossos escritos: as idéias espíritas de tal modo estão em a Natureza que germinam *fora do ensinamento do Espiritismo*, e uma multidão de criaturas são ou se tornam espíritas sem o saber e por intuição; não falta às suas idéias senão o nome. O Espiritismo é como essas plantas cujas sementes são levadas pelo vento e brotam sem cultivo; nasce espontaneamente no pensamento, sem estudo prévio. Que podem, então, contra ele aqueles que sonham com o seu aniquilamento, ferindo a cepa materna?

Assim, eis um médium completo, notável, e um observador que não suspeitam, nem um, nem outro, o que seja o Espiritismo; e o observador, por uma dedução lógica do que vê,

chega por si mesmo a todas as conseqüências do Espiritismo. O que constata, logo de saída, é que os fatos que tem sob os olhos lhe apresentam, no mesmo indivíduo, uma *dupla vida, da qual uma não tem qualquer relação com a outra*. Evidentemente essas duas vidas, nas quais se manifestam pensamentos divergentes, estão submetidas a condições diferentes; não podem ambas provir da matéria; é a constatação da vida espiritual; é a alma que se vê agir fora do organismo. Este fenômeno é muito vulgar; produz-se todos os dias durante o sono do corpo, nos sonhos, no sonambulismo natural ou provocado, na catalepsia, na letargia, na dupla vista, no êxtase. O princípio inteligente isolado do organismo é um fato capital, pois é a prova de sua individualidade. A existência, a independência e a individualidade da alma podem, assim, ser resultado da observação. Se, durante a vida do corpo, a alma pode agir sem o concurso dos órgãos materiais, é porque tem existência própria; a extinção da vida corporal não arrasta, pois, forçosamente, a da vida espiritual. Vê-se por aí que, de conseqüência em conseqüência, se chega a uma dedução lógica.

O Sr. Bonnemère não chegou a este resultado por uma teoria preconcebida, mas pela observação. O Espiritismo não procedeu de outro modo; o estudo dos fatos precedeu a doutrina, e os princípios não foram formulados, como em todas as ciências de observação, senão à medida que eram deduzidos da experiência. O Sr. Bonnemère fez o que deve fazer todo observador sério, porque os fenômenos espontâneos que ressaltam do mesmo princípio são numerosos e vulgares; apenas, não tendo o Sr. Bonnemère visto senão um ponto, só pôde chegar a uma conclusão parcial, ao passo que o Espiritismo, tendo abarcado o conjunto desses fenômenos tão complexos e tão variados, pôde analisá-los, compará-los, controlar uns pelos outros, e aí encontrar a solução de grande número de problemas.

Desde que o Espiritismo é o resultado de observações, quem quer que tenha olhos para ver, razão para raciocinar,

paciência e perseverança para ir até o fim, poderá chegar a constituir o Espiritismo, assim como se podem reconstituir todas as ciências; mas, estando feito o trabalho, é tempo ganho e esforço poupado. Se fosse preciso recommençar incessantemente, não haveria progresso possível.

Como os fenômenos espíritas estão na Natureza, ocorreram em todas as épocas; e precisamente porque tocam a espiritualidade de maneira mais direta, estão misturados a todas as teogonias. O Espiritismo, vindo numa época menos acessível aos preconceitos, esclarecido pelo progresso das ciências naturais, que faltaram aos primeiros homens, e por uma razão mais desenvolvida, pôde observar melhor do que outrora. Hoje, vem separar o que é verdadeiro da mistura introduzida pelas crenças supersticiosas, filhas da ignorância.

O Sr. Bonnemère se felicita pelo *acaso*, que lhe pôs em mãos os documentos fornecidos pelo jovem bretão. O Espiritismo não admite mais o *acaso* do que o *sobrenatural* nos acontecimentos da vida. O acaso, que por sua natureza é cego, mostrar-se-ia por vezes singularmente inteligente. Então pensamos que foi intencionalmente que tais documentos vieram à sua posse, depois que ele foi posto em condições de constatar sua origem. Não mãos do jovem, teriam ficado perdidas e, sem dúvida isto não devia acontecer. Era preciso, pois, que alguém se encarregasse de os tirar da obscuridade; e parece que ao Sr. Bonnemère é que coube esta missão.

Quanto ao valor desses documentos, a julgar pela amostra dos pensamentos contidos no *Romance do Futuro*, certamente ali deve haver coisas excelentes. Serão todas boas? É uma outra questão. Sob esse aspecto, sua origem não é uma garantia de infalibilidade, considerando-se que os Espíritos, não sendo mais que as almas dos homens, não têm a soberana ciência. Sendo seu adiantamento relativo, há uns mais esclarecidos que

outros; se há uns que sabem mais que os homens, também há homens que sabem mais que certos Espíritos. Até agora se tem considerado os Espíritos como seres fora da Humanidade, e dotados de faculdades excepcionais. Eis um erro capital, que engendrou tantas superstições e que o Espiritismo veio retificar. Os Espíritos fazem parte da Humanidade e, até que tenham atingido o ponto culminante da perfeição, para o qual gravitam, estão sujeitos a enganar-se. É por isso que jamais se deve renunciar ao livre-arbítrio e ao raciocínio, mesmo em relação ao que vem do mundo dos Espíritos; jamais se deve aceitar seja o que for de olhos fechados e sem o controle severo da lógica. Sem nada prejudicar sobre os documentos em questão, eles poderiam contar coisas boas ou más, verdadeiras ou falsas; por conseguinte, teríamos que fazer uma escolha judiciosa, para a qual os princípios da doutrina podem fornecer úteis indicações.

No número desses princípios, um há que não importa perder de vista: é o fim providencial da manifestação dos Espíritos. Eles vêm para atestar a sua presença e provar ao homem que nem tudo se acaba com a vida corporal; vêm instruí-lo sobre sua condição futura, exercitá-lo a adquirir o que é útil ao seu futuro e o que pode levar, isto é, as qualidades morais, e não para lhe dar meios de enriquecer. O cuidado de sua fortuna e a melhoria de seu bem-estar material deve ser ato de sua própria inteligência, de sua atividade, de seu trabalho e de suas pesquisas. Se assim não fora, o preguiçoso e o ignorante poderiam enriquecer-se sem esforço, pois bastaria dirigir-se aos Espíritos para obter uma invenção lucrativa, fazer descobrir tesouros, ganhar na bolsa ou na loteria. Por isso, todas as esperanças de fortuna fundadas sobre o concurso dos Espíritos fracassaram deploravelmente.

É o que nos suscita algumas dúvidas sobre a eficácia do processo para o bicho-da-seda, processo que teria por efeito fazer ganhar milhões, e dar crédito à idéia de que os Espíritos podem dar os meios de enriquecer, idéia que perverteria a essência mesma do

Espiritismo. Seria, pois, imprudente criar quimeras a esse respeito, porque poderia aqui se dar como com certas receitas que deviam fazer correr o Pactolo em certas mãos, e que só levou a ridículas mistificações. Contudo, não é uma razão para calar o processo e para o desprezar; se o sucesso deve ter um resultado mais importante e mais sério que a fortuna, é possível que semelhante revelação seja permitida. Mas, na dúvida, é bom não embalar esperanças que talvez não se concretizem. Aprovamos, pois, o projeto do Sr. Bonnemère de publicar as receitas que foram dadas ao seu jovem bretão, porque, dentre elas, podem encontrar-se algumas úteis, sobretudo para as doenças.

## O Cura Gassner

### MÉDIUM CURADOR

No jornal *l'Exposition populaire illustrée*, número 24, encontramos num artigo intitulado: *Correspondência sobre os taumaturgos*, uma interessante notícia sobre o cura Gassner, quase tão conhecido em seu tempo quanto o príncipe de Hohenlohe, por seu poder curador.

“*Gassner* (Jean-Joseph) nasceu em 20 de agosto de 1727, em Bratz, perto de Bludens (Suábia); fez os primeiros estudos em Innsbruck e Praga, recebeu as ordens sacerdotais e, em 1758, foi nomeado cura de Kloesterle, na região dos Grisons.

“Depois de quinze anos de vida retirada, revelou-se ao mundo como dotado de um poder excepcional, o de curar todas as doenças pela simples aposição das mãos, sem empregar nenhum remédio e sem exigir qualquer retribuição. Os doentes afluíam logo de toda parte, e em tão grande número que, para se pôr mais em condições de os socorrer, Gassner solicitou e obteve permissão para se ausentar do curato, e foi sucessivamente a Wolfegg, a Weingarten, a Ravensperg, a Detland, a Kirchberg, a Morspurg e a

Constança. Os infelizes lhe faziam cortejo; o corpo médico levantou-se contra ele. Uns proclamavam curas maravilhosas, outros o contestavam.

“O bispo de Constança o constrangeu a um inquérito, feito pelo diretor do seminário. Gassner declarou jamais ter tido o pensamento de fazer milagres e ter-se limitado a aplicar *o poder que a ordenação confere a todos os padres de exorcizar, em nome de Jesus-Cristo, os demônios, que são uma das causas mais freqüentes de nossas doenças*. Declarou dividir todas as moléstias em doenças naturais ou lesões, em doenças de *obsessões* e em doenças complicadas de obsessões. Dizia que não tinha poder sobre as primeiras e fracassava nas da terceira categoria, quando a doença natural era superior à doença de obsessão.

“O bispo não se convenceu e ordenou a Gassner que voltasse ao seu curato, mas pouco depois o autorizou a continuar seus exorcismos. O cura apressou-se em aproveitar a autorização e surpreendeu os habitantes de Elwangen, de Sulzbach e de Ratisbona, pela imensa multidão que sua fama atraía da Suíça, da Alemanha e da França. O duque de Wurtemberg declarou-se abertamente seu admirador e protetor; seus sucessos lhe atraíram poderosos adversários. O célebre Haen e o teatino Sterzinger o atacaram com perseverança e paixão; vários bispos prestaram seu apoio ao fogoso teatino e proibiram que Gassner exorcizasse em suas dioceses. Enfim, um decreto de Joseph II ordenava a Gassner deixar Ratisbona; mas, fortalecido pela proteção do príncipe-bispo dessa cidade, que lhe havia conferido o título de conselheiro eclesiástico, com a função de capelão da corte, perseverou. Tal resistência prolongou-se até 1777, época na qual Gassner foi nomeado para o curato de Bondorf, para onde se retirou e morreu em 4 de abril de 1779, com 52 anos de idade.”

*Observação* – O Espiritismo protesta contra a qualificação de *taumaturgo*, dada aos curadores, por não admitir que

algo se faça com exclusão das leis naturais. Os fenômenos que pertencem à ordem dos fatos espirituais não são mais miraculosos que os fatos materiais, uma vez que o elemento espiritual é uma das forças da Natureza, como o elemento material também o é. Assim, o cura Gassner não fazia mais milagres do que o príncipe de Hohenlohe e o zuavo Jacob, e pode-se ver singulares analogias entre o que se passava então a seu respeito e o que hoje se passa.

## Pressentimentos e Prognósticos

Tomamos do mesmo artigo do jornal precitado os fatos abaixo, que acompanham a notícia sobre o cura Gassner, porque o Espiritismo pode tirar deles um útil assunto para instrução. O autor do artigo os faz seguir de reflexões dignas de nota, nestes tempos de cepticismo em relação a causas extramateriais.

“Gassner tinha desfrutado de grande favor junto à imperatriz Maria-Teresa, que o consultava muitas vezes, dando algum crédito às suas inspirações. Conta-se (Vide as Memórias da Sra. Campan) que na época em que tinha sido concebida a idéia de unir a filha de Maria-Teresa ao neto de Luís XV, a grande imperatriz chamou Gassner e lhe perguntou: “Minha *Antonieta* será feliz?”

“Depois de haver refletido longamente, Gassner empalideceu singularmente e persistiu em guardar silêncio.

“Questionado de novo pela imperatriz e, então, procurando dar uma expressão geral à idéia com que parecia fortemente ocupado, respondeu: *Senhora, há cruces para todos os ombros.*

“O casamento ocorreu em 16 de maio de 1770; o delfim e Maria-Antonieta receberam a bênção nupcial na capela de Versalhes (Maria-Antonieta havia chegado a Compiègne no dia 14).

Às três horas da tarde o céu cobriu-se de nuvens, e uma chuva torrencial inundou Versalhes; violentos trovões ribombaram, e a multidão de curiosos que lotavam o jardim foi obrigada a retirar-se.”

“A chegada de Maria-Antonieta no palácio dos reis da França (Leiamos a *Vida pública e privada de Luís XVI*, pelo Sr. A\*\*\* e de Salex; Paris, 1814, pág. 340), foi assinalada por um desses prognósticos dos quais geralmente só se lembra quem os viu realizar-se com o passar dos tempos.

“No momento em que essa princesa, entrando pela primeira vez nos pátios do castelo de Versalhes, pôs os pés no pátio de mármore, um violento trovão sacudiu o castelo: *Presságio de desgraça!* Gritou o marechal de Richelieu.

“A noite foi triste na cidade e as iluminações não produziram nenhum efeito.

“Acrescentai a isto o terrível acidente ocorrido em 30 de maio na rue Royale, no dia da festa que deu na praça Luís XV a cidade de Paris, pelo casamento do delfim e da delfina. *Anquetil* eleva a 300 o número de mortos no local, e a 1.200 o dos que sucumbiram nos hospitais ou em domicílio poucos dias depois, ou que ficaram estropiados.”

“Em 1757 (Vide os *Affiches* de Tours, 25º ano, nº 14 – Quinta-feira, 5 de abril de 1792), madame de Pompadour mandou vir à presença de Luís XV um astrólogo que, depois de ter calculado a posição dos astros no momento de seu nascimento, lhe disse: Sire, vosso reino é célebre por grandes acontecimentos; o que o seguirá sê-lo-á por grandes desastres.”

“No dia da morte de Luís XV houve em Versalhes uma horrível tempestade.

“Que acúmulo de prognósticos!

“Durante oito anos a rainha não concebeu. – No dia 19 de dezembro de 1778 nascia uma filha, Maria-Teresa-Carlota (mais tarde chamada pelo título de seu esposo, senhora delfina, duquesa de Angoulême). Três anos depois, no dia 22 de outubro de 1781 Maria-Antonietta deu um herdeiro à coroa. Por essa ocasião a cidade de Paris ofereceu uma festa à rainha, na qual foi exibida a mais suntuosa munificência.

“Essa festa se deu no dia 21 de janeiro de 1782. Onze anos mais tarde a comuna de Paris dava ao povo o *espetáculo da morte do rei*. A rainha estava presa, esperando que se realizasse a visão de Gassner.

“Já que tocamos nestas questões delicadas, escutai ainda as revelações da Sra. Campan. – Estava-se em maio de 1789; os dias 4 e 5 tinham impressionado diversamente os espíritos; quatro velas iluminavam o gabinete da rainha, que contava alguns acidentes notáveis ocorridos durante o dia. – ‘Uma vela apagou-se por si mesma; acendi-a novamente, disse a Sra. Campan; logo a segunda, depois a terceira também se apagaram; então a rainha, apertando-lhe a mão num movimento de pavor, disse: ‘A desgraça pode tornar-me supersticiosa; se esta quarta vela apagar-se como as outras, nada poderá impedir-me de olhar este sinal como um sinistro presságio...’ A quarta vela apagou-se!!!

“Poucas noites antes, a rainha tinha tido um sonho *horroroso*, pelo qual ficara profundamente abalada.

“Certamente os espíritos fortes riem de todos esses prognósticos, de todas essas profecias, desse dom de visão antecipada. Eles não crêem, ou fingem não crer! Mas, por que, então, em todas as épocas, houve personagens de algum valor, de alguma importância que, *sem um interesse qualquer*, afirmaram fatos deste gênero, que declararam absolutos, positivos?

“Citemos alguns exemplos:

“Théodore-Agrippa d’Aubigné, avô de *Madame de Maintenon*, relata em suas memórias ter tido a seu serviço, em Poitou, um surdo-mudo de nascença *dotado do dom da adivinhação*. ‘Um dia, diz ele, tendo as moças da casa lhe perguntado quantos anos ainda viveria o rei (Henrique IV), o tempo e as circunstâncias de sua morte, ele lhes fixou três anos e meio e designou a cidade, a rua e a carruagem, com duas facadas que receberia no coração.’

“Algumas palavras ainda sobre este mesmo Henrique IV.

“Que juízo podemos fazer sobre os negros pressentimentos, muitíssimos constantes, que esse infeliz príncipe teve de seu cruel destino? – pergunta Sully em suas Memórias, livro XXVII. – São de uma singularidade que tem algo de aterrador. Já me reportei com que repugnância ele tinha permitido que a cerimônia do coroamento da rainha se realizasse antes de sua partida; quanto mais ele via aproximar-se o momento, mais sentia o medo e o horror redobram em seu coração; vinha abri-lo inteiramente a mim, nesse estado de amargura e de acabrunhamento do qual eu o tirava como de uma fraqueza imperdoável. Suas próprias palavras darão uma impressão completamente diversa de quantas eu pudesse dizer: – ‘Ah! meu amigo, dizia-me ele, *como esta sagração me desagrada; não sei o que é, mas o coração me diz que me acontecerá alguma desgraça.*’ Sentava-se, dizendo estas palavras, numa cadeira baixa, que eu tinha mandado fazer de propósito para ele e, entregue a todas as negruras de suas idéias, tamborilava no estojo de seus óculos, sonhando profundamente.

“Se saía desse devaneio, era para se levantar bruscamente, batendo as mãos nas coxas e para gritar: ‘*Por Deus! morrerei nesta cidade, dela não sairei mais; eles me matarão; vejo bem que põem seu último recurso na minha morte. Ah! maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!*’

– “Meu Deus, sire, disse-lhe um dia, a que idéia vos entregais? Se ela persiste, sou de opinião que suspendais esta sagração, coroamento, viagem e guerra. Quereis? Logo será feito.

– “*Sim*, disse-me enfim, depois que lhe sustentei esse discurso duas ou três vezes; *sim, suspendei a sagração, e que eu não ouça mais falar dela; por este meio terei o espírito curado das impressões que alguns avisos aí deixaram. Sairei desta cidade e não temerei mais nada.*

“Por que sinal se reconheceria esse grito secreto e imperioso do coração, se se desconhecera por estes: ‘*Não vos quero esconder, dizia-me ele ainda, que me disseram que eu deveria ser morto na primeira magnificência que eu fizesse e que morreria numa carruagem, e é o que me deixa tão medroso.*’

– “Parece que jamais me havíeis dito isto, sire, respondi-lhe eu. Várias vezes me surpreendi, ouvindo-vos gritar numa carruagem, ver-vos tão sensível a um pequeno perigo, depois de vos ter visto tantas vezes intrépido em meio a tiros de canhão e de mosquete e entre lanças e espadas nuas; mas, desde que esta opinião vos perturba a este ponto, em vosso lugar, sire, eu partiria já amanhã; deixaria fazer a sagração sem vós, ou a adiaria para outra ocasião, e por muito tempo não voltaria a Paris, nem entraria em nenhuma carruagem. Quereis que eu despache alguém a Notre-Dame e a Saint-Denis, para mandar cessar tudo e despedir os operários?

– “*Quero mesmo*, disse-me ainda o príncipe; *mas, que dirá minha mulher? porque ela tem maravilhosamente essa sagração na cabeça.*

– “Ela dirá o que quiser, respondi, vendo quanto minha proposta tinha agradado o rei. Mas creio que quando souber da convicção em que estais, de que a sagração poderá causar tanto mal, ela não se obstinará mais.

“Não esperei outra ordem senão mandar interromper os preparativos da coroação. Foi com verdadeiro pesar – vejo-me obrigado a dizê-lo – que por mais esforços que fizesse jamais pude convencer a rainha a dar esta satisfação ao seu esposo.

“Passo em silêncio as solicitações, as súplicas e as contestações que empreguei durante três dias inteiros para tentar dobrá-la. O príncipe viu-se obrigado a ceder. Mas Henrique não voltou menos fortemente às suas primeiras apreensões, que ordinariamente me expressava por estas palavras, freqüentes em sua boca: – *‘Ah! meu amigo, jamais sairei desta cidade; eles me matarão aqui! Ó maldita sagração, tu serás a causa de minha morte!’*

“Essa sagração foi feita em Saint-Denis, quinta feira, 13 de maio, e a rainha devia, no domingo, 16 do mesmo mês, fazer sua entrada em Paris.

“No dia 14 o rei quis visitar Sully, visita que lhe anunciara para a manhã de sábado, 15. Tomou sua carruagem e saiu, modificando várias vezes o seu itinerário em caminho, etc., etc.

“Péréfixe, seu historiador, faz observar que ‘o céu e a terra não tinham dado senão muitos prognósticos do que lhe aconteceria.’

“O bispo de Rodez põe no número destes prognósticos *um eclipse do Sol, a aparição de um terrível cometa, tremores de terra, monstros nascidos em diversas regiões da França, chuvas de sangue que caíram em alguns lugares, uma grande peste que havia afligido Paris em 1606, aparições de fantasmas e vários outros prodígios.* (Vide: *História de Henrique, o Grande*, por Hardouin de Péréfixe, bispo de Rodez; *Vida do duque d’Epernon, Mercure français*, Mathieu, l’Estoile, etc.)

“Paremos! Escreveríamos um volume, volumes, tão abundantes são os fatos. Mas será necessário recorrer aos relatos dos outros? Que cada um pergunte a si mesmo; que cada um

invoque suas próprias recordações e responda com lealdade e franqueza, e cada um dirá: *Há em mim um desconhecido que somos nós, que ao mesmo tempo comanda o meu eu matéria e lhe obedece.* – Esse desconhecido, Espírito, alma, que é? como é? por que é? Mistério; série de mistérios; inexplicável mistério. Como tudo na Natureza, no organismo, na vida, a vida e a morte não são dois impenetráveis mistérios? O sono, este ensaio da morte, não é um mistério inexplicável? A assimilação dos alimentos, que se tornam nós: inexplicável, incompreensível mistério! A geração: misteriosa obscuridade! Essa obediência passiva de meus dedos, que traçam estas linhas e obedecem à minha vontade: trevas cuja profundidade só Deus pode sondar e que se iluminam, por si só, com a luz da verdade!

“Baixai a cabeça, filhos da ignorância e da dúvida; humilhai esta orgulhosa, que chamais razão; livres-pensadores, sofrei as cadeias que constroem a vossa inteligência; dobrai os joelhos: Só Deus sabe!”

Devemos considerar nestes fatos duas coisas bem distintas: os pressentimentos e os fenômenos considerados como prognósticos de acontecimentos futuros.

Não se poderia negar os pressentimentos, dos quais há poucas pessoas que não tenham tido exemplos. É um desses fenômenos cuja explicação a matéria, sozinha, é impotente para dar, porque se a matéria não pensa, também não pode pressentir. É assim que o materialismo a cada instante se choca contra as coisas mais vulgares que o vêm desmentir.

Para ser advertido de maneira oculta daquilo que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios ordinários, é preciso que algo se desprenda de nós, veja e escute o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para referir a sua intuição ao nosso cérebro. Esse algo deve ser inteligente, visto que compreende e, muitas vezes, de um fato atual ele prevê as consequências futuras;

é assim que por vezes temos o pressentimento do futuro. Esse algo não é outra coisa senão nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo, como um pássaro na gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É principalmente nos momentos em que o corpo repousa, durante o sono, que o Espírito, aproveitando o pequeno descanso que lhe deixa o cuidado de seu invólucro, recobra parcialmente a liberdade e vai haurir no espaço, entre os outros Espíritos, encarnados como ele, ou desencarnados, e naquilo que vê, idéias cuja intuição traz ao despertar.

Esta emancipação da alma freqüentemente se dá no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, em que a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; ocorre, sobretudo de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*.

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, há que se colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, quer em vigília, quer durante o sono, pela transmissão de pensamento de alma a alma. É assim que muitas vezes se é advertido de um perigo, solicitado a tomar tal ou qual direção, sem que por isto o Espírito deixe de ter o seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque é sempre senhor de sua vontade.

Os pressentimentos têm, pois, a sua razão de ser e encontram a sua explicação natural na vida espiritual, que não cessamos um instante de viver, porque é a vida normal.

Já não se dá o mesmo com os fenômenos físicos, considerados como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes. Em geral esses fenômenos não têm nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. Podem ser os precursores de efeitos físicos que são a sua conseqüência, como um ponto negro no horizonte pode pressagiar ao marinheiro uma tempestade, ou

certas nuvens anunciar uma saraivada, mas a significação desses fenômenos para as coisas de ordem moral deve ser classificada entre as crenças supersticiosas, que nunca seriam combatidas com demasiada energia.

Essa crença, que absolutamente não repousa sobre nada de racional, faz que, quando chega um acontecimento, a gente se lembre de algum fenômeno que o precedeu, e ao qual o espírito impressionado o liga, sem se importar com a possibilidade de relações que só existem na imaginação. Não pensam que os mesmos fenômenos se repetem diariamente, sem que daí resulte nada de azarento, e que os mesmos acontecimentos chegam a cada instante sem serem precedidos por nenhum pretense sinal precursor. Se se tratar de acontecimentos que digam respeito a interesses gerais, narradores crédulos ou, no mais das vezes, *oficiosos*, para lhes exaltar a importância aos olhos da posteridade, amplificam os prognósticos, que se esforçam por tornar mais sinistros e mais terríveis, adicionando-lhes supostas perturbações da Natureza, das quais os tremores de terra e os eclipses são os acessórios obrigatórios, como fez o bispo de Rodez a propósito da morte de Henrique IV. Esses relatos fantásticos, que muitas vezes tinham sua fonte nos interesses dos partidos, foram aceitos sem exame pela credulidade popular que viu, ou à qual queriam fazer ver, milagres nesses estranhos fenômenos.

Quanto aos acontecimentos vulgares, na maioria das vezes o homem é a sua primeira causa. Não querendo confessar suas próprias fraquezas, busca uma desculpa pondo à conta da Natureza as vicissitudes que são quase sempre o resultado de sua imprevidência e de sua imperícia. É em suas paixões, em seus defeitos pessoais que deve buscar os verdadeiros prognósticos de suas misérias, e não na Natureza, que não se desvia da rota que Deus lhe traçou por toda a eternidade.

Explicando por uma lei natural a verdadeira causa dos pressentimentos, o Espiritismo demonstra, por isso mesmo, o que

há de absurdo na crença nos prognósticos. Longe de dar crédito à superstição, ele lhe tira seu último refúgio: o sobrenatural.

## O Zuavo Jacob

(Segundo artigo – Vide o número de outubro)

O Sr. Jacob é um charlatão? Seu desinteresse material é um fato constante e, talvez, um dos que mais têm desorientado a crítica. Como acusar de charlatanismo um homem que nada pede e nada quer, nem mesmo agradecimentos?

Qual seria, pois, o seu móvel? O amor-próprio, dizem. Sendo o desinteresse moral absoluto o sublime da abnegação, seria preciso ter a virtude dos anjos para não experimentar certa satisfação quando se vê a multidão se comprimir em torno de si, enquanto na véspera se era desconhecido. Ora, como o Sr. Jacob não tem a pretensão de ser anjo, supondo, o que ignoramos, que tenha exaltado um pouco a sua importância aos seus próprios olhos, disso não se lhe poderia fazer um grande crime, nem isto destruiria os fatos, se os há. Preferimos crer que os que lhe imputam essa imperfeição estão muito acima das coisas terrenas, para se fazerem, a esse respeito, a mais leve censura.

Mas, em todo o caso, esse pensamento não podia ser senão *consecutivo* e não preconcebido. Se o Sr. Jacob tivesse premeditado o desígnio de se popularizar fazendo-se passar por curador emérito, sem poder provar algo mais que a sua incapacidade, em vez de aplausos só teria recolhido apupos desde o primeiro dia, o que não lhe teria sido muito lisonjeiro. Para se orgulhar de alguma coisa é preciso uma causa preexistente; fazia-se necessário, pois, que ele curasse, antes de se envaidecer.

Acrescentam que ele queria que falassem dele; seja. Se tal fosse o seu objetivo, deve-se convir que, graças à imprensa, ele foi servido na medida do possível. Mas, qual o jornal que poderá

dizer que o Sr. Jacob tenha ido mendigar a menor propaganda, o menor artigo, que tenha pago uma única linha? Foi procurar algum jornalista? Não; os jornalistas é que foram a ele e nem sempre puderam vê-lo facilmente. A imprensa falou dele espontaneamente quando viu a multidão, e a multidão só veio quando houve fatos. Foi fazer a corte a grandes personagens? A estes se mostrou mais acessível, mais solícito, mais previdente? Todos sabem que, a esse respeito, ele levou o rigorismo ao excesso. Todavia, seu amor-próprio teria encontrado mais elementos de satisfação na alta sociedade do que entre obscuros indigentes.

Naturalmente deve-se afastar toda imputação de intriga e de charlatanismo.

Ele cura todas as doenças? Não só não as cura todas, mas, de dois indivíduos, atingidos pelo mesmo mal, muitas vezes cura um e nada faz pelo outro. Nunca sabe de antemão se curará um doente, por isso nunca promete nada. Ora, sabe-se que os charlatães não são avarentos em promessas. A cura se deve a afinidades fluídicas, que se manifestam instantaneamente, como um choque elétrico, e que não podem ser prejudgadas.

É dotado de um poder sobrenatural? Voltamos ao tempo dos milagres? Perguntai a ele mesmo e ele vos responderá que em suas curas nada há de sobrenatural, nem de miraculoso; que é dotado de um poder fluídico independente de sua vontade, que se manifesta com maior ou menor energia, conforme as circunstâncias e o meio onde se encontra; que o fluido que emite cura certas doenças em certas pessoas, sem que ele saiba por que, nem como.

Quanto aos que pretendem que essa faculdade é um presente do diabo, pode-se responder que, uma vez que só se exerce para o bem, o diabo tem bons momentos, dos quais é bom aproveitar. Também se lhes pode perguntar que diferença existe entre as curas do príncipe de Hohenlohe e as do zuavo Jacob, para

que umas sejam reputadas santas e miraculosas e as outras diabólicas? Passemos sobre esta questão, que em nossa época não pode ser levada a sério.

A questão do charlatanismo prejudicava todas as outras, razão por que nela insistimos. Uma vez afastada, vejamos que conclusões podem ser tiradas da observação.

O Sr. Jacob cura instantaneamente doenças consideradas incuráveis: eis um fato positivo. A questão do número de doentes curados aqui é secundária; houvesse apenas um caso em cem e o fato não subsistiria menos. Ora, esse fato tem uma causa.

A faculdade curadora levada a esse grau de força, achando-se num soldado que, por mais honesto que seja, não tem o caráter, nem os hábitos, nem a linguagem, nem a atitude dos santos; exercida fora de toda forma ou aparato místico, nas mais vulgares e nas mais prosaicas condições; aliás, achando-se em diferentes graus numa porção de outras pessoas, em heréticos como os muçulmanos, os hindus, os budistas, etc., exclui a idéia de milagres no sentido litúrgico da palavra. É, pois, uma faculdade inerente ao indivíduo; e, desde que não é um fato isolado, é que depende de uma lei, como todo efeito natural.

A cura é obtida sem o emprego de nenhum medicamento; portanto é devida a uma influência oculta. E desde que se trata de um resultado efetivo, material e que o nada não pode produzir coisa alguma, é preciso que essa influência seja algo de material. Então só pode ser um fluido material, conquanto impalpável e invisível. Como o Sr. Jacob nem toca no doente, nem lhe aplica nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade. Ora, não sendo a vontade um atributo da matéria, só pode emanar do Espírito; é, pois, o fluido que age sob o impulso do Espírito. Sendo a maioria das doenças curadas por esse meio aquelas contra as quais a Ciência é impotente, há, então, agentes curativos mais poderosos que os da

medicina ordinária. Esses fenômenos são, por conseguinte, a revelação de leis desconhecidas pela Ciência. Em presença de fatos patentes, é mais prudente duvidar do que negar. Tais são as conclusões a que forçosamente chegará todo observador imparcial.

Qual a natureza desse fluido? É eletricidade ou magnetismo? Provavelmente tem um e outro e talvez algo mais; em todo o caso, é uma modificação deles, já que seus efeitos são diferentes. A ação magnética é evidente, embora mais poderosa que a do magnetismo ordinário, de que esses fatos são a confirmação e, ao mesmo tempo, a prova de que não disse a última palavra.

Não entra nos propósitos deste artigo explicar o modo de ação desse agente curativo, já descrito na teoria da mediunidade curadora. Basta ter demonstrado que o exame dos fatos leva a reconhecer a existência de um princípio novo, e que esse princípio, por mais estranho que sejam os seus efeitos, não sai do domínio das leis naturais.

Nos fatos concernentes ao Sr. Jacob, a bem dizer o Espiritismo não foi mencionado, ao passo que toda a atenção concentrou-se no magnetismo. Isto tinha sua razão de ser e sua utilidade. Embora o concurso dos Espíritos desencarnados seja um fato constatado nesses tipos de fenômenos, aqui a sua ação não é evidente, razão por que dela fazemos abstração. Pouco importa que os fatos sejam explicados com ou sem a intervenção de Espíritos estranhos; o magnetismo e o Espiritismo se dão as mãos; são duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência, que se completam e se explicam um pelo outro. Dar crédito ao magnetismo é abrir caminho ao Espiritismo, e reciprocamente.

A crítica não poupou o Sr. Jacob. Como de hábito, e em falta de boas razões, ela lhe prodigalizou chacotas e injúrias grosseiras, com o que ele não se inquietou absolutamente. Desprezou umas e outras, e as pessoas sensatas ficaram gratas por sua moderação.

Alguns chegaram a solicitar o seu encarceramento como impostor abusando da credulidade pública; mas um impostor é quem promete e não cumpre. Ora, como o Sr. Jacob nunca prometeu coisa alguma, ninguém pode queixar-se de ter sido enganado. Que lhe podiam censurar? Onde a contravenção legal? Não exercia a Medicina, nem mesmo ostensivamente o magnetismo. Qual a lei que proíbe curar as pessoas olhando-as?

Denunciaram-no, porque a multidão de doentes que a ele acorria perturbava a circulação. Mas foi ele quem chamou a multidão? Convocou-a por anúncios? Qual o médico que protestaria se tivesse uma semelhante à sua porta? E se um deles tivesse essa boa sorte, mesmo à custa de anúncios caros, que diria se quisessem inquietá-lo pelo fato? Disseram que se mil e quinhentas pessoas por dia, durante um mês, totalizando quarenta e cinco mil doentes, tivessem sido curadas, não deveria mais haver coxos nem estropiados nas ruas de Paris. Seria supérfluo refutar esta singela objeção; apenas diremos que quanto mais cresce o número de doentes, curados ou não, que se acotovelam na Rua de la Roquette, mais se prova quão grande é o número daqueles que a Medicina não pode curar, pois é evidente que se esses doentes tivessem sido curados pelos médicos, não teriam vindo ao Sr. Jacob.

Como, a despeito das denegações, havia fatos patentes de curas extraordinárias, quiseram explicá-las dizendo que o Sr. Jacob agia, pela própria aspereza de suas palavras, sobre a imaginação dos doentes. Seja. Mas, então, se reconheceis à influência da imaginação um tal poder sobre as paralisias, as epilepsias, os membros anquilosados, por que não empregais esse meio, em vez de deixar que os inditosos enfermos sofram tanto, ou lhes dar drogas que sabeis inúteis?

Disseram que o Sr. Jacob não tinha o poder que se atribuía, e a prova é que se recusou a ir curar num hospital, sob as vistas de pessoas competentes para apreciar a realidade das curas.

Duas razões devem ter motivado a recusa. Primeiro, não se podia ocultar que a oferta que lhe faziam não era ditada pela simpatia, mas um desafio que lhe propunham. Se, numa sala de trinta doentes, ele só tivesse levantado ou aliviado três ou quatro, não teriam deixado de dizer que isto nada provava e que havia fracassado.

Em segundo lugar, é preciso levar em conta circunstâncias que podem favorecer ou paralisar sua ação fluídica. Quando está rodeado de doentes que lhe vêm voluntariamente, a confiança que trazem os predispõe. Não admitindo nenhum estranho atraído pela curiosidade, ele se acha num meio simpático, que também o predispõe; é dono de si; seu espírito se concentra livremente e sua ação tem toda a sua força. Numa sala de hospital, desconhecido dos doentes habituados aos cuidados de seus médicos, cuja fé em outra coisa que não fosse a sua medicação seria suspeita, sob os olhos inquisidores e zombeteiros de criaturas prevenidas, interessadas em o denegrir; que, em vez de o secundar pelo concurso de injeções benfazejas, temessem mais do que desejariam vê-lo triunfar – o sucesso de um zuavo ignorante seria um desmentido dado ao seu saber – é evidente que, sob o império dessas impressões e desses eflúvios antipáticos, sua faculdade se acharia neutralizada. O erro desses senhores, nisto como quando se tratou do sonambulismo, sempre foi acreditar que esses tipos de fenômenos seriam manobrados à vontade, como uma pilha elétrica.

As curas desse gênero são espontâneas, imprevistas e não podem ser premeditadas nem constituírem objeto de concurso. Acrescentemos a isto que o poder curador não é permanente; aquele que hoje o possui, pode vê-lo cessar no momento em que menos espera. Essas intermitências provam que depende de uma causa independente da vontade do curador e frustram os cálculos do charlatanismo.

*Nota* – O Sr. Jacob ainda não retomou o curso de suas curas. Ignoramos o motivo e parece que não há nada fixado quanto

à época em que recomeçará, se é que isto vai acontecer. Esperando, informam-nos que a mediunidade curadora se propaga em diferentes localidades, com aptidões diversas.

## Notas Bibliográficas

A RAZÃO DO ESPIRITISMO<sup>31</sup>

POR MICHEL BONNAMY

**Juiz de instrução; membro dos congressos científicos de França;  
antigo membro do conselho geral de Tarn-et-Garonne**

Quando apareceu o romance *Mireta*, os Espíritos disseram estas palavras notáveis na Sociedade de Paris:

“O ano de 1866 apresenta a filosofia nova sob todas as formas; mas ainda é o talo verde que encerra a espiga de trigo e, para a mostrar, espera que o calor da primavera a tenha amadurecido e feito desabrochar. 1866 preparou, 1867 amadurecerá e realizará. O ano se abre sob os auspícios de *Mireta* e não se escoará sem ver aparecerem novas publicações do mesmo gênero e mais sérias ainda, no sentido de que o romance tornar-se-á filosofia e a filosofia se fará história.” (Revista de fevereiro de 1867).

Anteriormente eles já haviam dito que se preparavam diversas obras sérias sobre a filosofia do Espiritismo, nas quais o nome da doutrina não seria timidamente dissimulado, mas confessado e proclamado em voz alta por homens cujo nome e posição social dariam peso à sua opinião; e acrescentaram que o primeiro apareceria provavelmente pelo fim do presente ano.

A obra que anunciamos realiza completamente esta previsão. É a primeira publicação deste gênero na qual a questão é encarada em todas as suas partes e em toda a sua grandeza. Pode-se, pois, dizer que inaugura uma das fases da existência do

31 Um volume in-12. Preço: 3 francos; pelos correios: 3 fr. 35 c. Librairie internationale, 15, boulevard Montmartre, Paris.

Espiritismo. O que a caracteriza é que não é uma adesão banal aos princípios da doutrina, uma simples profissão de fé, mas uma demonstração rigorosa, onde os próprios adeptos encontrarão novas idéias. Lendo esta argumentação cerrada, levada, a bem dizer, até a minúcia, e por um encadeamento lógico das idéias, perguntar-se-á, sem dúvida, por que singular extensão do vocábulo se poderia aplicar ao autor o epíteto de *louco*. Se é um louco que assim discute, poder-se-á dizer que às vezes os loucos tapam a boca de gente que se diz sensata. É uma defesa exemplar, onde se reconhece o advogado que quer reduzir a réplica aos seus últimos limites; mas aí se reconhece, também, aquele que estudou a causa seriamente e a perscrutou nos seus mais minuciosos detalhes. O autor não se limita a emitir a sua opinião: ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa. É por isso que, com toda justiça, intitulou seu livro de *A Razão do Espiritismo*.

Publicando esta obra, sem cobrir a sua personalidade com o menor véu, o autor prova que tem a verdadeira coragem de sua opinião, e o exemplo que dá é um título ao reconhecimento de todos os espíritas. O ponto de vista em que se colocou é principalmente o das conseqüências filosóficas, morais e religiosas, as que constituem o objetivo essencial do Espiritismo e dele faz uma obra humanitária.

Aliás, eis como ele se expressa no prefácio.

“Está nas vicissitudes das coisas humanas, ou, melhor dizendo, parece fatalmente reservado a toda idéia nova ser mal acolhida ao seu aparecimento. Como, as mais das vezes, tem por missão derrubar idéias que a precederam, encontra resistência muito grande da parte do entendimento humano.

“O homem que viveu com preconceitos não acolhe senão com desconfiança a recém-chegada, que tende a modificar, a destruir mesmo combinações e idéias fixas em seu espírito, a forçá-lo, numa palavra, a meter mãos à obra, para correr atrás da verdade. Aliás, sente-se humilhado em seu orgulho, por ter vivido no erro.

“A repulsa que inspira a idéia nova é muito mais acentuada ainda quando traz consigo obrigações, deveres; quando impõe uma linha de conduta mais severa.

“Ela encontra enfim ataques sistemáticos, ardentes, obstinados, quando ameaça posições conquistadas, e sobretudo quando se defronta com o fanatismo ou com opiniões profundamente arraigadas na tradição dos séculos.

“As doutrinas novas, pois, sempre têm numerosos detratores; muitas vezes elas têm mesmo que sofrer perseguição, o que levou Fontenelle a dizer: ‘Que se tivesse todas as verdades na mão, teria o cuidado de não a abrir.’

“Tais eram o desfavor e os perigos que esperavam o Espiritismo quando do seu aparecimento no mundo das idéias. Os insultos, a zombaria, a calúnia não lhe foram poupados; e, talvez, também venha o dia da perseguição. Os adeptos do Espiritismo foram tratados de iluminados, alucinados, patetas e loucos, e a essa enxurrada de epítetos que, todavia, pareciam contradizer-se e excluir-se, acrescentaram os de impostores, charlatães e, finalmente, de partidários de Satã.

“A qualificação de louco é a que parece mais especialmente reservada a todo promotor ou propagador de idéias novas. É assim que trataram de louco o primeiro que se atreveu a dizer que a Terra girava em torno do Sol.

“Também era louco o célebre navegador que descobriu um novo mundo. Ainda era louco, para o areópago da Ciência, o que descobriu a força do vapor. E a douta assembléia acolheu, com sorriso desdenhoso, a sábia dissertação de Franklin sobre as propriedades da eletricidade e a teoria do pára-raios.

“Ele também, o divino regenerador da Humanidade, o reformador autorizado da lei de Moisés, não foi tratado de louco? Não expiou por um suplício ignominioso a propagação dos benefícios da moral divina na Terra?

“Galileu não expiou como herético, num seqüestro cruel e em amargas perseguições morais, a glória de ter sido o primeiro a ter a iniciativa do sistema planetário cujas leis Newton devia promulgar?”

“São João Batista, o precursor do Cristo, também tinha sido sacrificado à vingança dos culpados, cujos crimes condenara.

“Os apóstolos, depositários dos ensinamentos do divino Messias, tiveram que selar com sangue a santidade de sua missão. E a religião reformada por sua vez não foi perseguida e, após os massacres de São Bartolomeu, não teve que sofrer as dragonadas?”

“Enfim, remontando até o ostracismo inspirado por outras paixões, vemos Aristides exilado e Sócrates condenado a beber cicuta.

“Sem dúvida, graças aos costumes suaves que caracterizam nosso século, sob o império de nossas instituições e das luzes que põem um freio à intolerância fanática, as fogueiras não mais se erguerão para purificar com suas chamas as doutrinas espíritas, cuja paternidade pretendem fazer remontar a Satã. Mas elas também devem esperar um levante dos mais hostis e ataque de ardentes adversários.

“Entretanto, este estado militante não poderia debilitar a coragem dos que estão animados por uma convicção profunda, dos que têm a certeza de ter nas mãos uma dessas verdades fecundas, que constituem, em seus desdobramentos, um grande benefício para a Humanidade.

“Mas, seja como for o antagonismo das idéias ou das doutrinas que o Espiritismo suscitar; sejam quais forem os perigos que deva abrir sob os passos dos adeptos, o espírita não poderia deixar esta luz sob o alqueire e se recusar a lhe dar todo o brilho

que ela comporta, o apoio de suas convicções e o testemunho sincero de sua consciência.

“O Espiritismo, revelando ao homem a economia de sua organização, iniciando-o no conhecimento de seus destinos, abre um campo imenso às suas meditações. Assim o filósofo espírita, chamado a levar suas investigações a esses novos e esplêndidos horizontes só tem por limites o infinito. Assiste, de certo modo, ao conselho supremo do Criador. Mas o entusiasmo é o escolho que deve evitar, sobretudo quando lança suas vistas sobre o homem, tornado tão grande e que, no entanto, por orgulho se faz tão pequeno. Não é senão quando esclarecido pelas luzes de uma prudente razão, e tomando por guia a fria e severa lógica, que deve dirigir suas peregrinações no domínio da ciência divina, cujo véu foi erguido pelos Espíritos.

“Este livro é o resultado de nossos próprios estudos e de nossas meditações sobre este assunto que, desde o começo, nos pareceu de importância capital e ter conseqüências da mais alta gravidade. Reconhecemos que essas idéias têm raízes profundas e nelas entrevimos a aurora de uma nova era para a sociedade. A rapidez com que se propagam é um indício de sua próxima admissão no número das crenças aceitas. Em razão mesmo de sua importância, não nos contentamos com afirmações e argumentos da doutrina; não só nos asseguramos da realidade dos fatos, mas perscrutamos com minuciosa atenção os princípios deles decorrentes; buscamos a sua razão com fria imparcialidade, sem negligenciar o estudo não menos consciencioso das objeções que opõem os antagonistas; como um juiz que escuta as duas partes contrárias, pesamos maduramente os prós e os contras. Só depois de haver adquirido a convicção de que as alegações contrárias nada destroem; que a doutrina repousa sobre bases sérias, numa lógica rigorosa, e não em devaneios quiméricos; que contém o gérmen de uma renovação salutar do estado social, minado secretamente pela incredulidade; que é, enfim, uma poderosa barreira contra a invasão do materialismo e

da desmoralização, é que julgamos dever dar nossa apreciação pessoal, e as deduções que tiramos de um estudo atento.

“Assim, tendo encontrado uma razão de ser nos princípios desta nova ciência, que tem lugar reservado entre os conhecimentos humanos, intitulamos nosso livro *A Razão do Espiritismo*. Este título é justificado pelo ponto de vista sob o qual encaramos o assunto, e os que nos lerem reconhecerão sem dificuldade que este trabalho não é produto de um entusiasmo leviano, mas de um exame maduramente e friamente reflexivo.

“Estamos convictos de que, quem quer que, sem partido preconcebido de oposição sistemática, fizer, como nós fizemos, um estudo consciencioso da Doutrina Espírita, a considerará como uma das coisas que interessam no mais alto grau o futuro da Humanidade.

“Dando a nossa adesão a esta doutrina, usamos do direito de liberdade de consciência, que a ninguém pode ser contestado, seja qual for a sua crença. Com mais forte razão esta liberdade deve ser respeitada, quando tem por objetivo princípios da mais alta moralidade, que conduzem os homens à prática dos ensinamentos do Cristo e, por isso mesmo, são a salvaguarda da ordem social.

“O escritor que consagra sua pena em fixar no espírito a impressão que tais ensinamentos deixaram no santuário de sua consciência, deve guardar-se bem de confundir as elucubrações brotadas no seu horizonte terrestre com os raios luminosos partidos do céu. Se restam pontos obscuros ou ocultos às suas explicações, pontos que ainda não lhe é dado conhecer, é que, aos olhos da sabedoria divina, ficam reservados para um grau superior na escala ascendente de sua depuração progressiva e de sua perfectibilidade.

“Todavia, apressemo-nos em dizê-lo, todo homem convicto e consciencioso, consagrando suas meditações à difusão

de uma verdade fecunda para a felicidade da Humanidade, mergulha sua pena na atmosfera celeste, onde nosso globo está imerso, e recebe incontestavelmente a centelha da inspiração.”

A indicação do título dos capítulos dará a conhecer o quadro abarcado pelo autor.

1. Definição do Espiritismo. – 2. Princípio do bem e do mal. – 3. União da alma com o corpo. – 4. Reencarnação. – 5. Frenologia. – 6. Pecado original. – 7. O inferno. – 8. Missão do Cristo. – 9. O purgatório. – 10. O céu. – 11. Pluralidade dos globos habitados. – 12. – A caridade. – 13. – Deveres do homem. – 14. Perispírito. – 15. Necessidade da revelação. – 16. Oportunidade da revelação. – 17. Os anjos e os demônios. – 18. Os tempos preditos. – 19. A prece. – 20. A fé. – 21. Resposta aos insultadores. – 22. Resposta aos incrédulos, ateus ou materialistas. – 23. Apelo ao clero.

Lamentamos que a falta de espaço não nos permita reproduzir tantas passagens quanto desejaríamos. Limitar-nos-emos a algumas citações.

Cap. III, pág. 41. – “A utilidade recíproca e indispensável da alma e do corpo para sua cooperação respectiva constitui, pois, a razão de ser de sua união. Ela constitui, a mais, para o Espírito, as condições militantes na via do progresso, onde está chamado a conquistar sua personalidade intelectual e moral.

“Como esses dois princípios realizam normalmente, no homem, o fim de sua destinação? Quando o Espírito é fiel às suas aspirações divinas, restringe os instintos animais e sensuais do corpo e os reduz à sua ação providencial na obra do Criador; desenvolve-se, cresce. É a perfeição mesma da obra que se realiza. Chega à felicidade, cujo último termo é inerente ao grau supremo da perfectibilidade.

“Se, ao contrário, abdicando da soberania que é chamado a exercer no corpo, cede ao arrastamento dos sentidos, e

se aceita suas condições de prazeres terrestres como *único objetivo de suas aspirações*, falseia a razão de ser de sua existência e, longe de realizar os seus destinos, fica estacionário; ligado a esta vida terrestre que, entretanto, não deveria ter sido para ele senão uma condição acessória, pois não poderia ser o seu fim, o Espírito, de chefe que era, torna-se subordinado; como insensato, aceita a felicidade terrena que os sentidos lhe fazem experimentar e que lhe propõem satisfazer, assim abafando nele a intuição da felicidade verdadeira que lhe está reservada. Eis a sua primeira punição.”

No capítulo XII, do inferno, pág. 99, encontramos esta notável apreciação da morte e dos flagelos destruidores:

“Seria enumerando os flagelos que espalham sobre a Terra o terror e o pânico, o sofrimento e a morte, que acreditariam poder dar a prova das manifestações da cólera divina?”

“Sabei, pois, temerários *evocadores* das vinganças celestes, que os cataclismos que assinalais, longe de ter o caráter exclusivo de um castigo infligido à Humanidade, são, ao contrário, um ato da misericórdia divina, que fecha a *esta* o abismo onde a precipitavam suas desordens, e lhe abre as vias do progresso, que a levarão ao caminho que deve seguir para assegurar a sua regeneração.

“Que são esses cataclismos, senão uma nova fase na existência do homem, uma era feliz, marcando para os povos e a Humanidade inteira o ponto providencial de seu adiantamento?”

“Sabei, pois, que a morte não é um mal. Farol da existência do Espírito, ela é sempre, quando vem de Deus, o sinal de sua misericórdia e de sua assistência benfazeja. A morte é apenas o fim do corpo, o termo de uma encarnação e, nas mãos de Deus, é o aniquilamento de um meio corruptor e vicioso, a interrupção de uma corrente funesta, à qual, num momento solene, a Providência arranca o homem e os povos.

“A morte não é senão uma interrupção na prova terrestre. Longe de prejudicar o homem, ou antes, o Espírito, ela o chama a se recolher no mundo invisível, seja para reconhecer suas faltas e as lamentar, seja para se esclarecer e se preparar, por firmes e salutares resoluções, para retomar a prova da vida terrestre.

“A morte só gela o homem de pavor porque, muito identificado com a Terra, não tem fé em seu augusto destino, do qual este globo não passa de dolorosa oficina, na qual se deve realizar a sua depuração.

“Cessai, pois, de crer que a morte seja um instrumento de cólera e de vingança nas mãos de Deus; sabei, ao contrário, que ela é ao mesmo tempo a expressão de sua misericórdia e de sua justiça, seja detendo o mau na vida da iniquidade, seja abreviando o tempo de provas ou de exílio do justo sobre a Terra.

“E vós, ministros do Cristo, que do alto do púlpito da verdade proclamais a cólera e a vingança de Deus, e pareceis, por vossas eloqüentes descrições da fantástica fornalha, atizar as chamas inextinguíveis para devorar o infeliz pecador; vós que, de vossos lábios tão autorizados, deixais cair esta aterradora epígrafe: ‘Jamais! – Sempre!’ então esquecesteis as instruções de vosso divino Mestre?

Ainda citaremos as seguintes passagens, extraídas do capítulo sobre o pecado original.

“Em vez de criar a alma perfeita, quis Deus que não fosse senão por longos e constantes esforços que ela chegaria a se desprender deste estado de inferioridade nativa e gravitar para seus augustos destinos.

“Para chegar a esses fins, deve ela, pois, romper os laços que a prendem à matéria, resistir ao arrastamento dos sentidos, com a alternativa de sua supremacia sobre o corpo, ou da obsessão exercida sobre ela pelos instintos animais.

“São destes laços terrestres que lhe importa libertar-se e que nela constituem as condições mesmas de sua inferioridade; eles não são outros senão o suposto pecado original, o alvéolo que cobre a sua essência divina. O pecado original constitui, assim, o ascendente primitivo que os instintos animais devem ter exercido, inicialmente, sobre as aspirações da alma. Tal é o estado do homem que o *Gênesis* quis representar sob a figura simples da árvore da ciência do bem e do mal. A intervenção da serpente tentadora não é outra coisa senão os desejos da carne e a solitação dos sentidos; o Cristianismo consagrou esta alegoria como um fato real, ligando-se à existência do primeiro homem; e é sobre este fato que fundou o dogma da redenção.

“Colocado deste ponto de vista, é preciso reconhecê-lo, o pecado original deve ter sido, com efeito, e realmente foi, o de toda a posteridade do primeiro homem, e assim o será durante uma longa sucessão de séculos, até a libertação completa do Espírito das opressões da matéria, libertação que, sem dúvida, tende a se realizar, mas que ainda não se fez em nossos dias.

“Numa palavra, o pecado original constitui as condições da natureza humana trazendo os primeiros elementos de sua existência, com todos os vícios que ela gerou.

“O pecado original é o egoísmo, é o orgulho que presidem a todos os atos da vida do homem;

“É o demônio da inveja e do ciúme que roem o seu coração;

“É a ambição que perturba seu sono;

“É a cupidez, que não pode saciar a avidez do lucro;

“É o amor e a sede de ouro, este elemento indispensável para dar satisfação a todas as exigências do luxo, do conforto e do bem-estar, que persegue o século com tanto ardor.

“Eis o pecado original proclamado pelo *Gênesis*, e que o homem sempre ocultou em si; ele só será apagado no dia em que, compenetrado de seus altos destinos, o homem abandonar, conforme a lição do bom La Fontaine, a sombra pela presa; o dia em que renunciar à miragem da felicidade terrena, para voltar todas as suas aspirações para a felicidade real, que lhe está reservada.

“Que o homem aprenda, pois, a se tornar digno de seu título de chefe entre todos os seres criados, e da essência etérea emanada do próprio seio de seu Criador e de que está repleto. Que seja forte para lutar contra as tendências de seu envoltório terrestre, cujos instintos são estranhos às suas aspirações divinas e não poderiam constituir sua personalidade espiritual; que seu objetivo único seja sempre gravitar para a perfeição de seu último fim, e o pecado original não existirá mais para ele.”

O Sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores, que puderam apreciar a firmeza, a independência de seu caráter e a elevação de seus sentimentos, pela notável carta que publicamos na *Revista* de março de 1866, no artigo intitulado: *O Espiritismo e a Magistratura*. Ele vem hoje, por um trabalho de alto alcance, emprestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, na sua consciência, considera como a da Humanidade.

Entre os adeptos já numerosos que o Espiritismo conta na magistratura, o Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne, e o Sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve-sur-Lot, são os primeiros que abertamente arvoraram a bandeira. E o fizeram, não no dia seguinte à vitória, mas no momento da luta, quando a doutrina é alvo dos ataques de seus adversários, e quando seus aderentes ainda estão sob o golpe da perseguição. Os espíritas atuais e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão. Quando uma doutrina recebe os sufrágios de homens tão justamente considerados, é a melhor resposta às diatribes de que ela possa ser objeto.

A obra do Sr. Bonnamy marcará nos anais do Espiritismo, não só como a primeira em data no seu gênero, mas, sobretudo, por sua importância filosófica. O autor aí examina a doutrina em si mesma, discute os seus princípios, dos quais tira a quintessência, fazendo abstração completa de todo personalismo, o que exclui qualquer pensamento corporativista.

NO PRELO

PARA APARECER EM DEZEMBRO

## A Gênese, os Milagres e as Predições

SEGUNDO O ESPIRITISMO

POR ALLAN KARDEC

1 vol. in-12, de 500 páginas

### Aviso

RESPOSTA AO SR. S. B., DE MARSELHA

Não são levadas em consideração as cartas que não estejam ostensivamente assinadas, ou que não tragam endereço certo, quando o nome é desconhecido. São refugadas.

Esta resposta se dirige igualmente a uma série de cartas que trazem o carimbo de *estrada de Besançon* e vindas quotidianamente, durante um certo tempo. Se este aviso chegar ao seu autor, ele será informado que, pelo motivo acima, e dada a sua extensão, elas nem mesmo foram lidas, à medida que chegavam; a pessoa encarregada da correspondência as pôs de lado, como todas as que são cercadas de mistério e que, por esta razão, não se consideram como suficientemente sérias para ocupar o tempo, com prejuízo dos trabalhos de importância real, por si sós já bastantes.

*Allan Kardec*